

Um acto de palavra de honra

-- Augusto de Carvalho, de "O Expresso", de Lisboa

O Acordo de Nkomati ficará na história do relacionamento entre os povos como um marco de referência obrigatório.

Os povos, que não percebem com facilidade as formulações jurídicas nem os seus meandros mais ou menos enleantes, mas são dotados de uma espécie de radar que os leva a captar as raízes dos acontecimentos, vieram para a rua manifestar o seu contentamento. Significam que querem dar-se as mãos, sem ligarem à raça ou cor. É por isso que eu penso que estes acordos são antes de mais um acto anti-racista, embora intelectuais preguiçosos habituados a raciocinar a partir de clichés estáticos, distraídos, por conseguinte, da dialéctica da História tenham formulado alguns senões.

Os acordos abriram a porta para um caminho grande com a abertura característica do ângulo agudo. Na base (16 de Março de 1984, ao meio-dia) ela é pequena. Com o tempo, porém, visto que não se trata de um episódio para cristalizar, mas de um acto carregado de potencial dinâmico, essa abertura vai alargando indefinidamente deitando abaixo barreiras e quebrando preconceitos.

Nkomati inscreve-se, portanto, na lógica dos gestos revolucioná-

rios imprescindíveis para o desenvolvimento dos povos em igualdade e justiça.

Foi também um acto de coragem, fruto de uma política descomplicada, nacional e soberana. Não alinhada.

Por outro lado, foi um acto de palavra de honra. Os dirigentes, conscientes das dificuldades em cumprir o que foi acordado e sabendo à partida que vai haver tropeções pelo caminho, disseram alto e a bom som, na presença dos seus povos e da Comunidade Internacional, que o cumprir-



Augusto de Carvalho

Dom. 14/3/84